

[O PRESSUPOSTO DA RACIONALIDADE DOS AGENTES ECONÔMICOS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ECONOMIA NEOCLÁSSICA E ECONOMIA COMPORTAMENTAL]

Palavras-Chave: [ECONOMIA COMPORTAMENTAL], [ECONOMIA NEOCLÁSSICA], [RACIONALIDADE]

Autores/as:

MARCELO MARTINS FIORELLI [UNICAMP]

Prof. Dr. ALEX WILHANS ANTONIO PALLUDETO (orientador) [UNICAMP]

1. INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA:

A economia comportamental pode ser entendida como a área da economia que estuda as influências cognitivas, sociais e emocionais no comportamento econômico dos indivíduos, a partir do emprego de métodos experimentais para desenvolver teorias sobre o processo de tomada de decisão dos agentes econômicos (p. 26 SAMSON, in: ÁVILA, BIANCHI). Porém, na concepção de Tomer (2007), a economia comportamental vai muito além dessa definição simples. É entendida como um campo de estudos amplo e diverso, e pode ser caracterizada pela adoção de uma ampla gama de metodologias científicas, além da interdisciplinaridade com outras ciências, principalmente as sociais. E, justamente por não apresentar uma metodologia comum (além de não apresentar uma filosofia social comum), não pode ser caracterizada como uma escola de pensamento (TOMER, 2007). A partir da análise bibliográfica e da problemática apresentada adiante, esta iniciação científica procura discutir como a economia comportamental pode trazer uma maior compreensão dos fenômenos econômicos.

Assim, para compreendermos como a economia comportamental pode trazer contribuições novas para as ciências econômicas, se faz necessário compará-la com outras vertentes da economia. Para que possamos entender como um corpo teórico pode revolucionar a forma de se pensar economia, faz-se necessário, principalmente, compará-lo com a forma mais convencional de se pensar economia no momento, que é denominada pelo termo *mainstream* econômico.

Em seu artigo de 2007 “Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics”, David Dequech primeiro apresenta a definição de economia *mainstream* dada por Colander, Holt e Rosser Jr., que seria: “[...] ideias que são defendidas por indivíduos que são dominantes nas

principais instituições acadêmicas, organizações e jornais em dado momento do tempo [...]” (2004, p.490, *apud* Dequech, 2007, p.281, tradução nossa). A partir dessa definição, argumenta que o *mainstream* hoje apresenta diversas formas de se pensar economia, mas é marcada por uma influência neoclássica (Dequech, 2007, p.285). O autor cita também algumas outras vertentes não-neoclássicas que constituem a economia *mainstream*, inclusive a economia comportamental (Dequech, 2007, p.285). Além disso, Dequech apresenta uma definição de ortodoxia econômica que é próxima ao conceito de *mainstream*, mas não necessariamente equivalente. Para o autor, a ortodoxia se refere a uma escola de pensamento dominante, ou seja, categoria intelectual, enquanto a economia *mainstream* se refere às ideias dominantes na sociedade, ou seja, categoria sociológica (Dequech, 2007, p.292 e 293). Assim, Dequech defende que, no momento da escrita, a ortodoxia era representada pelo pensamento neoclássico (Dequech, 2007, p.293).

Portanto, comparar a economia comportamental com a economia neoclássica já é uma necessidade devido à centralidade dada a essa escola de pensamento. Todavia, quando analisamos algumas das contribuições trazidas pela economia comportamental, a comparação se torna essencial para entendermos se essa vertente tem capacidade de revolucionar a forma como se pensa e faz economia ou não.

Richard Thaler caracteriza a economia neoclássica a partir do *Homo Economicus*, que seria um apelido para a abstração usada pelos economistas neoclássicos para o comportamento humano (2016). Os neoclássicos pressupõem em seus modelos que os agentes econômicos apresentam uma ordem de preferências bem definida além de expectativas e crenças não parciais. Baseados nessas crenças, os indivíduos fariam escolhas otimizadas, ou seja, fariam sempre escolhas racionais. Além disso, as principais motivações desse ser humano que baseia os modelos neoclássicos são seus próprios interesses (*op. cit.*). Devido a esses pressupostos, Thaler (2016) argumenta que os economistas neoclássicos não estudam o comportamento humano, mas sim o *Homo Economicus*, justamente devido ao irrealismo desses pressupostos.

Dessa forma, a economia comportamental propõe-se a trazer uma descrição mais realista do comportamento humano do que a apresentada pelos economistas neoclássicos. Assim, a comparação entre as economias comportamental e neoclássica se faz essencial, e, portanto, a partir de uma análise comparativa entre as duas vertentes poderemos entender se a economia comportamental realmente traz visões novas para o debate econômico, se traz somente um novo rótulo para as visões antigas, ou se traz ambas.

Dentre essa discussão, vale ressaltar a contribuição de Nelson e Winter (2002), que argumentam que uma dos motivos para a economia *mainstream* não ser interdisciplinar, como argumenta Tomer (2007) para a economia comportamental, seria devido a adoção do pressuposto de racionalidade econômica, que é distinto da perspectiva de outras ciências sociais (2002). Portanto, podemos argumentar, a partir dessa colocação, que o pressuposto da racionalidade econômica é primordial ao debate.

Dessa forma, esta iniciação científica se propõe a comparar essas duas vertentes econômicas distintas, em que medida elas são similares ou não, dando destaque à questão da racionalidade econômica. Traz-se à tona o debate a respeito da tomada de decisão dos indivíduos: "os agentes econômicos são racionais?", "Em que medida?", "Devemos considerá-los como tal?". A partir dessa e de outras questões, procura-se determinar se a economia comportamental é realmente um projeto alternativo da escola neoclássica ou se é uma continuidade do mesmo.

Para isso, foi necessário entender, na visão de distintos autores, o que é economia neoclássica, o que é economia mainstream, e como a economia comportamental se encaixa nessas definições. Muitas dessas contribuições acabam por abarcar os campos da metodologia e filosofia econômicas, o que acaba por requerer uma discussão sobre a natureza dos fenômenos econômicos e a própria racionalidade dos agentes. Nesse sentido, observa-se que a economia comportamental, em suas múltiplas vertentes, se contrapõe a determinadas concepções do que se define como economia neoclássica, embora possa ser concebida como parte do mainstream economics dado o prestígio que muito de seus proponentes têm atualmente.

2. METODOLOGIA:

Esta iniciação foi elaborada a partir da revisão bibliográfica de artigos e livros dos principais contribuintes das economias comportamental e neoclássica.

Para podermos comparar nossos objetos de estudo (economia comportamental, economia neoclássica e racionalidade), foi necessário defini-los. Assim, a primeira discussão que traremos aqui seria a discussão sobre a definição de economia neoclássica, a partir das visões de distintos autores. Assim, podemos comparar essas diferentes concepções de economia neoclássica com a tipologia trazidas por Tomer (2007).

3. DISCUSSÃO:

Traremos neste resumo uma das principais definições de economia neoclássica empregadas na iniciação científica: a definição de Colander, Holt e Rosser Jr. (2004). A definição de economia neoclássica empregada por esses seria de "uma análise focada no comportamento otimizador de indivíduos completamente racionais e bem informados em um contexto estático e de equilíbrio resultante de tal otimização" (COLANDER, HOLT, ROSSER JR., 2004). A partir desse excerto, devemos notar a centralidade da questão do princípio da racionalidade na economia neoclássica para diferentes autores, o que corrobora a proposta apresentada no projeto de pesquisa.

4. CONCLUSÃO:

Assim, a partir da visão de Tomer (2007), argumenta-se que as diversas vertentes da economia comportamental como um todo se diferenciam da economia mainstream e, em especial, de seu núcleo neoclássico. A diferença está, sobretudo, na concepção de ciência dessas abordagens: em sua definição do que é uma boa prática científica, como se obtém proposições verdadeiras e como se determina que teoria descreve melhor a realidade. E essa visão corrobora com a visão de economia neoclássica apresentada por Colander, Holt e Rosser Jr., já que percebemos como os autores da economia comportamental questionam o paradigma racional neoclássico. Todavia, não podemos afirmar que a economia comportamental não é *mainstream*, devido à visão de Dequech (2007).

BIBLIOGRAFIA

AKERLOF, G.A., 2002. Behavioral macroeconomics and macroeconomic behavior. *American Economic Review*, v. 92, p. 411-433, jun. 2002.

ARNSPERGER, C.; VAROUFAKIS, Y. What is Neoclassical Economics? The three axioms responsible for its theoretical oeuvre, practical irrelevance and, thus, discursive power, **Post-autistic economic review**, n. 38, p. 1-12, Julho de 2016

AUGIER, M., MARCH, J.G. The economic psychology of Herbert Simon: introduction to a special issue. *Journal of Economic Psychology*, v. 24, p. 35-141, abr. 2003.

Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). Guia de Economia Comportamental e Experimental. São Paulo. *EconomiaComportamental.org*. Disponível em www.economiacomportamental.org. Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0

BERG, N.; GIGERENZER, G. AS-IF BEHAVIORAL ECONOMICS: NEOCLASSICAL ECONOMICS IN DISGUISE?, **History of Economic Ideas**, Itália, n. 18, p. 133-165, 2010

CHICK, V.; DOW, S. The meaning of open systems. **Journal of Economic Methodology**, Reino Unido, n. 12, p. 363-381, Setembro de 2005

COLANDER, D.; HOLT, R.; ROSSER JR., B. The changing face of mainstream economics, **Review of Political Economy**, Reino Unido, n. 16, p. 485–499, Outubro de 2004

DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox and heterodox economics, **Journal of Post Keynesian Economics**, n. 30, p. 279-302, 2007

FOX, J. From “Economic Man” to Behavioral Economics. Harvard Business Review, Boston, p. 78-85, mai. 2015.

FRIEDMAN, M. The Methodology of Positive Economics. *In*: MÄKI, U (org.). **The Methodology of Positive Economics, Reflections on the Milton Friedman legacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 3-43.

KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro. Ed: Schawcz S.A., 2019.

LEIBENSTEIN, H. Beyond Economic Man: A New Foundation for Microeconomics. Cambridge: Harvard University Press, Cambridge, 1976.

LEIBENSTEIN, H. Inside the Firm: The Inefficiencies of Hierarchy. Harvard University Press, Cambridge, 1987.

MORGAN, Jamie. The meaning and significance of neoclassical economics. *In*: _____. (org.). **What is Neoclassical Economics? Debating the origins, meaning and significance**. Nova Iorque: Routledge, 2016. p. 1-29.

NELSON, R.R., WINTER, S.G. Evolutionary theorizing in economics. Journal of Economic Perspectives, v. 16, n. 2, p. 23-46, 2002.

RABIN, M. A perspective on psychology and economics. European Economic Review, v. 46, p. 657-685, 2002.

THALER, R. Behavioral Economics: Past, Present, and Future. American Economic Review. Pittsburgh, v. 106, n. 7, p. 1577-1600 2016.

TOMER, J. F. What is behavioral economics? The Journal of Socio-Economics, v. 36, p. 463-479, 2007.

TOMER, J.F. Review of Harvey Leibenstein's Inside the firm. Journal of Economic Behavior and Organization, v. 12, p. 153-157, 1989.

TOMER, J.F. Leibenstein, Harvey. *In*: HODGSON, G., SAMUELS, W., TOOL, M. (Eds.), The Elgar Companion to Institutional and Evolutionary Economics, Vol. 2. Brookfield, Ed: Edward Elgar, 1994.